

UnilaSalle
Editora

DIÁLOGO (ISSN 2238-9024)

<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo>

Canoas, n. 22, abr. 2013

O PAPEL POLÍTICO DO TRABALHADOR SOCIAL COMO ARTE DE DESPERTAR A FOME CANIBALISTA

Marilu Silveira Goulart¹

Artigo recebido em: 22/02/2013 | Aceito em: 15/04/2013

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre os processos de trabalho dos trabalhadores sociais, mais especificamente na área da psicologia. Tem como foco a construção deste fazer, através do investimento nas relações, buscando na arte, na antropologia e em outras áreas elementos norteadores deste processo. A implicação deste profissional também é considerada matéria prima na criação de ambiência que facilite alcançar os objetivos das políticas da Assistência Social.

Palavras chave: acolhimento, diferença, implicação, política pública, relação.

THE POLITICAL ROLE OF SOCIAL WORKERS AS AN ART TO PROVOKE THE CANNIBALISM HUNGER

Abstract

The present article intends to reflect about work processes of social workers, specifically in the psychology area. It's focused on the construction of this making, by investing in relationships, searching on art, anthropology and other areas guiding elements of this process. The implication of this professional is also considered raw material to create an ambience that helps to achieve objectives of the Social Assistance policy.

Keywords: reception, difference, implication, public policy, relation.

¹ Psicóloga, Mestre em Educação. Coordenadora de um Centro de Referência de Assistência Social da Fundação de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. E-mail: <goulart.malu@gmail.com >

Preparações, entradas e apetites

O que será apresentado a seguir é um convite para uma reflexão sobre os processos de trabalho dos trabalhadores sociais e em especial dos psicólogos e psicólogas na execução das políticas de Assistência Social tendo como foco as relações produzidas nas mais variadas instâncias, às quais servem como dispositivos fundamentais para o acesso a direitos, proteção e lutas das comunidades.

Ao retomar o cotidiano destes enquanto sujeitos que atuam e tecem redes junto às comunidades encontramos correlações importantes entre algumas expressões artísticas como, por exemplo, a arte de Vick Muniz e o fazer destes profissionais. Buscando compreender a forma ou mesmo as condições em que se dão estas relações encontramos o pesquisador e antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que nos ajuda nesta reflexão à partir de suas pesquisas com indígenas brasileiros pela observação da existência de um desejo de relação com ênfase na troca mais até do que na identidade. Buscamos então, relacionar estas perspectivas no cotidiano de trabalho invocando traços antropofágicos, os quais podem ser despertados pela arte e mesmo pela arte da vinculação, do acolhimento, do fazer do trabalhador social.

No contexto de atuação parte-se do seguinte pressuposto como lógica reflexiva: todas as formas de violência vividas sejam elas institucionais, sociais ou pessoais se deram, através das relações e de acordo com a conjuntura. Na política da Assistência Social que tem como meta a garantia de algumas seguranças e o acesso à direitos o início de qualquer trabalho se dá pelo vínculo e no investimento nas relações, às quais desde a acolhida precisam ser problematizadas numa ambiência acolhedora. Procurou-se para isto, neste trabalho, abordar o conceito da diferença como elemento fundamental para este acolhimento, problematização e criação de ambiência, dando luz à atuação política do trabalhador social como arte de despertar a fome canibalista, como diz o título deste texto. Para melhor compreender estes processos percorremos um pouco do dia-à-dia deste trabalhador, dos sujeitos e coletivos viventes nas comunidades focando as condições de trabalho, as potências, as impotências e as forças que configuram as subjetividades e ainda as formas como as relações se estabelecem, reproduzem, transformam...

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: fomes e desejos muito além de alimentos...

As atuais diretrizes das políticas públicas nos diferentes setores trazem consigo a necessidade de trabalho em rede com um formato que transcende a configuração: serviços que se relacionam e que são contíguos. Estas diretrizes tencionam para que olhemos o lugar onde estamos, de modo que as relações entre os trabalhadores e os sujeitos e grupos destinatários das políticas efetivem-se com grandes variações e de acordo com os desafios impostos pela realidade.

A Assistência Social tendo como diretriz de trabalho a territorialidade e a matricialidade sócio-familiar, faz com que estes se tornem importantes dispositivos de aproximação entre os serviços para garantir que o planejamento do trabalho no território respeite a integralidade do atendimento nas diferentes áreas e conforme previsto no Sistema Único de Assistência Social - SUAS,

Neste contexto refletiremos sobre alguns movimentos do profissional da psicologia compreendendo que suas funções (coordenador, supervisor, técnico) para além do previsto nas orientações do Ministé-

rio do Desenvolvimento Social e Combate à Fome-MDS², vão se definindo na interface com as outras profissões e de acordo com as demandas cotidianas, onde se redescobre a arte do fazer psi com foco nos modos como as relações se dão, na forma como se estabelecem e se transformam de acordo com a cultura local. A atenção à família, considerando os vários arranjos contemporâneos compreendidos como grupo familiar não exclui a atenção individualizada aos sujeitos e outros grupos existentes nas comunidades. No compromisso técnico e ético com sua profissão o psicólogo atua de forma a problematizar a realidade no seu contexto de trabalho tendo especial atenção às formas reprodutoras das violências sejam elas institucionais, familiares, comunitárias, etc. Tendo também especial atenção às formas singulares que são encontradas para a resolução de problemas. Na sua competência, entre outras, está a criação de uma ambiência acolhedora, através do investimento nas relações e vínculos, nos encontros e nas diferenças, para que haja a possibilidade da produção de sentido, de forma individualizada ou nos coletivos. Tentaremos construir algumas aproximações e correlações que possam despertar não exatamente algo novo, mas exatamente um novo olhar sobre posturas, reflexões, intervenções, criações, escutas, experimentações, já presentes na prática profissional e que pedem uma resignificação.

Ao executar uma política pública o desafio que temos é o de exercitar um olhar artista que se implica nesta realidade de forma afirmativa e potente. Nesta busca-experiência encontramos artistas-fotógrafos, artistas-recicladores, artistas-escritores, artistas-pintores, artistas-pesquisadores, artistas da vida, que transformam conceitos em arte ou vice-versa e nos estimulam a também experimentar, através destes conceitos e correlações o exercício estético de repensar como se desenvolve este trabalho no nosso cotidiano. Ao buscarmos novas formas de compreensão do nosso fazer e depararmo-nos com novas formas de expressão aguçamos a atenção para as micropolíticas do local onde estamos inseridos. Proponho, então, um “zoom” em algumas produções de Vick Muniz³ presentes no documentário “Lixo extraordinário⁴” que se passa no Aterro de Gramacho no Rio de Janeiro com os catadores do lixão. Muniz fez um reaproveitamento do material utilizado no cotidiano destes trabalhadores e criou verdadeiras obras de arte, ou melhor, orientou o processo, fez experiências coletivas de criação com resultados surpreendentes.

O cotidiano dos trabalhadores da reciclagem apresentada no filme possui muitas semelhanças com a realidade dos catadores e recicladores da região das ilhas, os quais trabalham com carroças, carrinhos, em galpões e nas próprias casas, onde por vezes a porta da casa é a separação entre o trabalho e a sua moradia. Estes correspondem a uma parcela significativa da população que é referenciada ao Centro de Referência de Assistência Social/FASC⁵ do Bairro Arquipélago em Porto Alegre/RS.

A relação que se procura estabelecer se dá por compreendermos que é fundamental para quem executa uma política pública repensar de qual lugar está falando, qual a perspectiva de seu olhar, qual a abrangência daquilo que enxergamos. Como utilizamos nosso corpo e não somente nossos olhos para ver e interagir nas diferenças.

² Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome-“Orientações Técnicas sobre o PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família”, segundo a tipificação nacional de serviços sócio assistenciais, vol.1 e vol.2.

³ Vicente José de Oliveira Muniz, conhecido como Vick Muniz. Nascido em São Paulo em 1961, estabeleceu sua vida e domicílio na cidade de Nova York, desde 1983. Fotógrafo, desenhista, pintor e escultor - um artista múltiplo.

⁴ A série “Pictures of Garbage” inspirou e originou o documentário brasileiro indicado ao Oscar, intitulado Lixo Extraordinário, feito com ajuda do seu próprio tema: catadores de lixo do aterro de Gramacho (RJ), que, após serem fotografados, trabalharam ao lado do artista no processo de montagem das obras, selecionando as imagens. A filmagem recebeu um prêmio no festival de Berlim na categoria Anistia Internacional e no Festival de Sundance.

⁵ Fundação de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Vick Muniz inicia o filme evidenciando a principal linha de seu trabalho: instalação, fotografia ou desejos humanos ele trabalha com a perspectiva, no sentido não somente de pontos de vista: olhar-camara-objeto, mas principalmente das variações, de lugar, de pensamento, de desejos... lá do alto vê-se o maior depósito de lixo do mundo e só isto. “Aqui de baixo” diz ele “as pessoas sorriem”, as pessoas tem amigos, são solidárias, e surpresa! Tem até gente que lê Maquiavel, Nietzsche...fundam associação, protestam...e este movimento começou antes de Vick Muniz chegar no aterro.

Se tudo isto já acontecia o que torna, então, importante o seu trabalho? É a sua arte? E o quê exatamente na sua arte, qual parte dela? Pode-se pensar que a arte de seu trabalho inicia bem antes de chegar ao Aterro de Gramacho, e ele mostra isto no filme. Implica-se na escolha e isto é importante.

Podemos relacionar esta implicação com um termo/conceito utilizado por Abbas Kiarostami: o enquadramento.

“Creio que a ideia de enquadrar um objeto numa imagem é tão importante quanto o conteúdo. Ao escolher e enquadrar alguma coisa, nós lhe damos a dimensão da importância que provém do fato de a termos selecionado. No momento em que se seleciona algo, lhe conferimos um valor adicional que a distingue de toda e qualquer coisa”
(Kiarostami, 2004, p.3)

Muniz ao escolher o Aterro Gramacho faz uma escolha que podemos chamar, nesta compreensão, de enquadramento. Este é um elemento importante para refletirmos sobre nossa atuação como trabalhadores sociais: a implicação enquanto sujeito político que cria um valor adicional àquele lugar, onde passamos grande parte dos nossos dias, entrelaçando nossas vidas e nossos sonhos e assim este valor adicional pode ser evidenciado. As comunidades, por sua vez, têm suas belezas, seus pontos fracos e fortes, seus jeitos de resolver as coisas e têm também uma relação com o estado que não nasceu ontem e que envolve uma memória social que vai se reproduzindo nas relações cotidianas. Mais um desafio para o trabalhador social: implicar-se, envolver-se, sonhar junto, fazer parte das lutas e saber qual o seu papel: mistura de sonhos e lucidez.

Nas ilhas, a perspectiva “do alto” e “de baixo”:

Nas ilhas a visão “de cima” ocorre quando se passa pela BR por cima da ponte e se vê um monte de barracos com lixo no pátio desde as portas das casas até o portão e carroças e cavalos e crianças e cachorros de todos os tamanhos. Olhando “de baixo” também se vê de outra forma: são pessoas que tem no seu cotidiano suas alegrias, tristezas, esperanças ou desesperanças, suas convicções, crenças e estratégias e que descobriram que o jeito mais rápido de resolver as coisas (falta de luz ou de água) é fechar a BR, ou levantar rapidamente as quatro paredes de tábuas e pôr as crianças dentro... porque daí é “mais difícil tirar”. Sabem que logo não haverá mais circulação de carroças em função de uma lei municipal: uns não acreditam, outros temem, outros já venderam o cavalo. E continuam...sobre-vivendo...o que terá de vida nesta sobrevivência... nos interessa.

Retomamos aqui o foco no olhar: querer estar num lugar como este, exige aquela implicação que falávamos acima, pois ninguém gosta de miséria, de precariedade, de sofrimento, de “pisar no barro”. Nem os próprios moradores, então, esta não é uma qualidade que se precise ter, ao contrário, estar junto com nosso desejo, para interferir nesta realidade é o que se quer e é o que se compreende por implicação.

Já temos a partir daí algumas condições de trabalho, às quais, aliás, são bastante complexas e não somente objetivas.

Quanto ao resultado final do documentário “Lixo Extraordinário” o principal não foi somente o filme. O mais importante se deu no processo, o qual iniciou na vinculação, na troca, no envolvimento, na experimentação, no impacto corporal e relacional da tensão de estar em algo que ainda não se sabia o que ia ser, no que ia dar e todas as relações que se criaram a partir disto consigo e com o outro, com seu território e com o mundo. O desejo de ser, de fazer, de outra coisa que não o mesmo. O desejo coletivo de continuar SE produzindo, quando acontece, causa grande inquietação e desconforto impulsionando novas formas de expressão de vida.

Relacionando esta produção artística com o trabalho na Assistência Social que investe nas famílias e no seu entorno comunitário, quais semelhanças identificamos como possíveis de serem investidas, quais experiências já feitas ou por vir permitem esta interessante perspectiva para trabalhar com o foco na autonomia dos sujeitos? Por vezes, independente de nossa vontade, mas com nossa participação, se instalam relações que reproduzem a forma tutelar com que a Assistência Social foi fundada e que por muitos meios ainda persiste. O principal objetivo de transformação da nova política de Assistência Social que propõem efetivamente o rompimento destas formas se consolida quando o foco de trabalho é a conquista de autonomia pelas famílias. E esta possibilidade aumenta à medida que forem investidas forças de trabalho em processos coletivos.

Retomando o extraordinário do lixo, percebeu-se que, no processo também foi importante a evidência que aquele lugar e aquelas pessoas passaram a ter: viajaram, fizeram exposição, foram reconhecidas, viram a sua beleza na arte espelho de Muniz: experiência daquilo que foi produzido junto. A abertura de espaço ao belo é que desconfortou o dia a dia daquela comunidade e fez com que se encontrasse com o desejo. O sucesso desta experiência se deu pela metodologia artística de Vick Muniz que iniciou o trabalho investindo no vínculo, onde tudo começa e que para nós é extremamente precioso. De alguma forma a arte e, segundo Schiller, a “beleza nos encaminha para a liberdade”. (Todorov, 2011, p.268). Este tema da liberdade, no entanto, é por demais amplo para ser tratado aqui.

Esta é uma das experiências que nos levam a inferir que em algumas situações especiais, não necessariamente naturais, mas que podem ser produzidas acontece nos agrupamentos humanos algo que o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro aprofunda nas pesquisas com os índios brasileiros. Este pesquisador fala do desejo de absorver o outro e alterar-se, onde a troca e não a identidade é o valor fundamental a ser afirmado. (Castro, 2002, p.206). Apesar das precárias condições de trabalho e de vida, os catadores sabem que têm algo que lhes é próprio e que tem valor, e nem todos ficam absorvidos somente com a sobrevivência. Se não pensarmos somente em termos absolutos, mas percebermos a riqueza, a potencialidade, os valores próprios, estaremos mais próximos à perspectiva do artista e porque não dizer dos artistas. Neste ponto estaremos aptos a continuar nosso trabalho de forma afirmativa sabendo que tudo é uma composição, onde os corpos se transformam reciprocamente. Uma questão estética que dá-se na forma como trabalhamos, amamos, nos relacionamos com nossa família, com nossos vizinhos e com o mundo.

O papel político do trabalhador social como capacidade de despertar a fome canibalista relaciona-se, então, ao aceitar, ao experimentar, ao envolver-se numa sede de “outrar-se” isto é, tornar-se outro,

mudar, absorver o que vem de fora e que é bom. Certa antropofagia ainda nos orienta enquanto herança cultural brasileira com toda a multiplicidade étnica de nosso país. Talvez tenhamos perdido um pouco da insubordinação da alma selvagem a que Viveiros de Castro se refere, mas trazemos alguns traços que nos permitem, como aconteceu com os catadores, acolher a nova proposta do brasileiro estrangeiro (Muniz) e abrir espaço para a beleza. Neste ritual canibalista cotidiano também faz parte o oferecimento do próprio corpo pronto a mudar a cada encontro. A coerência da experimentação da troca de valores por outros valores mais de acordo com o novo corpo só se dão pela vivência dos encontros e não pelos discursos ou pela moral.

Nesta perspectiva o artístico e o político são concomitantes fazendo ressonância com o trabalho de Vick Muniz, pois sua obra tem um início e um fim, no entanto, o viés político desta continua a vibrar nos corpos dos que eram ao mesmo tempo matéria e artistas. Aqueles que se fundiam com o lixo não se confundem mais, fundem-se com outros elementos externos redefinem o seu senso estético, se desarrumam e arrumam de outro jeito. Este assunto é maravilhoso e inesgotável, pois nos traz o tema da liberdade, da vida, do belo e da “arte que alivia da vida sem aliviar de viver” (Pessoa, 2006, p.49).

Esta é também uma implicação: no mundo.

Faz-se necessário agora contextualizar os espaços de atuação do trabalhador social. Espaços estes que o trabalhador da psicologia tem percorrido para problematizar as questões relacionadas ao acesso a direitos, proteção, inclusão/exclusão, etc. bem como compartilhar a sua experiência e compreensão enquanto trabalhador da área psi.

Pretende-se, em relação ao papel político do trabalhador social e mais especificamente do psicólogo na Assistência Social, sob a luz das perspectivas anteriormente exploradas e com foco nas relações, alinhavar algumas ideias, às quais já tem sido discutidas em diferentes locais.

Os conselhos de psicologia têm-se debruçado nestas questões abrindo espaços de diálogos importantes com várias outras categorias profissionais. Grupos de trabalho têm acontecido, as universidades promovem encontros e seminários e os próprios psicólogos inserem nas suas práticas a discussão sobre o tema.

Na Assistência Social uma das questões importantes de ser repensada é a definição do fazer profissional do técnico social pelo viés dos serviços oferecidos nas proteções e não pelas competências específicas das categorias profissionais, segundo as orientações técnicas do MDS. Talvez encontremos aqui mais pontos favoráveis do que o contrário, no entanto, é preciso não deixar subsumir as competências específicas do psicólogo, como um profissional que tem a sua prática voltada para a saúde integral das pessoas e grupos com quem trabalha. E saúde está intrinsecamente relacionada à qualidade de vida.

Retomando o contexto do exercício profissional:

A luta por direitos não é uma luta pelos direitos do outro, mas por uma sociedade mais justa para todos. Não estamos separados disto. Por isto a importância da transposição de antigos valores como caridade, favorecimento e ajuda. As políticas públicas transcendem estas questões. Para Warren “o que é necessário é se abrir para compreender o significado do pensar e do fazer do “outro”, mas não apenas enquanto “outro” e sim como parceiro de uma prática e de uma utopia de transformação em direção a uma sociedade mais justa social e culturalmente.” (Warren, 2011, p.32)

Iniciamos este texto dizendo que as atuais diretrizes das políticas públicas trazem consigo a necessidade de trabalho em rede com um formato diferenciado e com disponibilidade de muitas variações para aproximar-se dos desafios impostos pela realidade. Podemos radicalizar e afirmar que mais do que isto é necessário criar realidade. Para Warren (2012) isto já acontece, quando diversos grupos participam de um movimento maior dando prioridade para alguma pauta de reivindicação mais abrangente do que àquilo que lutam cotidianamente.

A construção desta rede pede uma tessitura artista: produção onde estamos ligados em diferentes pontos: convergindo, por vezes divergindo, mas com o foco numa construção coletiva e num movimento, pois é de suma importância que tenhamos espaços de discussão sobre os fundamentos e sobre as diretrizes das políticas sociais relacionando-as com os projetos profissionais de modo a evidenciar as interfaces das profissões, suas potencialidades, seus limites e seus encontros. Ao repensarmos as redes de nossos cotidianos de trabalho e as suas especificidades, cabe lembrar que as competências profissionais não são um mero limitador de funções, mas um estímulo para a criação de processos e intervenções coletivas entre os trabalhadores que venham a qualificar a prestação dos serviços. Serviços estes, articulados com as lutas das comunidades e com os usuários na perspectiva da construção de um projeto social maior de um mundo mais justo e solidário que contemple a todos nas suas diferenças. Se formássemos agora uma imagem seria a de uma rede caleidoscópio ou de uma dança, onde cada um tem seu par/papel e movimenta-se por todo o espaço possível numa troca contínua...

Como se vê, a criação é uma necessidade constante no próprio processo de execução das políticas, de acordo com a região, com a cultura, com o *modus vivendi* das comunidades. Para estarmos aptos a tantas variações e ao mesmo tempo seguirmos as diretrizes das políticas algumas condições se fazem necessárias. Algumas delas são: a formação do profissional, que não vamos abordar aqui, as condições estruturais e de RH dos serviços e toda a articulação em rede considerando as lideranças comunitárias, as representações dos conselhos e delegados regionais, os conselhos profissionais e também os de controle social. A experiência tem nos mostrado, além de estar previsto (tipificação dos serviços socioassistenciais, NOB RH), que as condições estruturais são inseparáveis dos projetos técnicos, isto é, a falta de equipamentos adequados, recursos humanos e materiais insuficientes, fazem com que o trabalho técnico fique sobrecarregado nos desdobramentos e tentativas de compensar a falta de estrutura. Fato este que pode desequilibrar as forças de investimento do CRAS e de seus serviços no trabalho com as famílias e comunidades.

Elencamos ainda alguns desafios da atuação profissional:

1) Os trabalhadores sociais, em relação aos projetos políticos de suas categorias profissionais: precisam estar atentos às diretrizes profissionais e aos seus respectivos códigos de ética mesmo nas difíceis condições em que se encontram grande parte da estrutura e organização do trabalho nas comunidades.

2) Os projetos políticos: Na execução das políticas públicas muitos projetos estão em pauta e se relacionam, ou seja, um projeto político de estado (aqui o SUAS), os projetos das organizações não governamentais, os projetos profissionais e ainda os projetos políticos partidários das gestões em todas as esferas governamentais (estas, em relação às políticas de estado, bem mais variáveis na sua execução). Todos estes, entrelaçados com os projetos variados dos diversos atores sociais que lutam no seu dia a dia por regularização fundiária, trabalho, saúde, educação, transporte, etc.

Estas diferentes perspectivas interferem sobremaneira no exercício profissional e precisam ser pau-

tadas com urgência. Pois, urgente é a necessidade de termos um ambiente de trabalho que estimule os trabalhadores a exercerem suas funções cotidianamente com o foco nos direitos das pessoas atendidas/acompanhadas nos diferentes níveis de complexidade das proteções sociais e que ao mesmo tempo possibilite ao trabalhador condições dignas de desempenhar suas funções.

Esta é uma pequena descrição do ambiente de trabalho do psicólogo na Assistência Social.

Espera-se que esta rede de trabalho possa de alguma forma desempenhar o papel de ser também um dispositivo de segurança e cuidado tanto para os usuários quanto para os trabalhadores respondendo de diversas formas as demandas de cada um e do coletivo.

Na Assistência Social uma das formas de proteção e cuidado se dá por algumas seguranças. Elegemos aqui uma delas que é a garantia da acolhida, segurança alicerçada pela Assistência Social⁶, onde o vínculo já existente com a comunidade se concretiza na prática do atendimento. O profissional psicólogo pode contribuir muito neste processo com uma escuta sensível e a capacidade de deixar-se afetar nos encontros. Tendo presente a concretude das diferenças não partirá de si para compreender o outro ao iniciar-se uma relação. Sua compreensão dos processos de subjetivação dos sujeitos, intrinsecamente relacionados com a realidade específica onde estão inseridos (família, comunidade) e ainda com os processos coletivos mais amplos com forte interferência das forças normatizadoras do sistema capitalista, lhe dão as condições de uma escuta implicada, pois todos somos produtores e ao mesmo tempo produzidos pelos modos de vida contemporâneos. A partir de um acolhimento onde esteja presente de forma evidente a problematização das diferenças⁷, conceito este que pode ser aprofundado e refletido nesta prática, inicia-se o vínculo e o ambiente continente necessários a continuidade da relação. Apesar de a acolhida ser uma atribuição do CRAS enquanto serviço e não uma função do psicólogo somente, a psicologia pode propor este olhar e espera ser esta uma das suas contribuições para a construção desta ambiência acolhedora.

Utilizando-nos ainda do recurso imagem-movimento a política pública-assistência social-cras-acolhida-vínculo-acompanhamento-continua... e a todo momento saímos e entramos em redes sem nunca deixar de fazer parte delas.

Warren problematiza a política pública compreendendo a necessidade de que esta: “transcenda os condicionamentos colonizados dos sujeitos subalternos.” (Warren, 2011, p.32) o que exige que estas se dirijam a:

“um espectro mais amplo de injustiças, tais como as vinculadas aos processos históricos e ainda cotidianamente rotineiros de discriminação étnica, racial, religiosa, sexual e de outras minorias sociais. Essas demandas legitimam novas formas de convivência social e possibilitam a criação de novos contratos sociais que vêm permitindo uma aplicação mais ampla de direitos já estabelecidos ou a criação de novos direitos” (Warren, 2011, p.33).

Estes processos históricos que configuram as subjetividades e que estão presentes no acolhimento são acolhidos juntos, através da seguinte compreensão: “Compreende-se o acolhimento não somente

⁶ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. *Orientações Técnicas sobre o PAIF*, vol I pag.106.

⁷ Silva, T.; Hall, S.; Woodward, K. (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu. Petrópolis: Vozes, 2004.

como um ato, mas como uma postura institucional que envolve todos os trabalhadores, a gestão e a inserção do Centro de Referência de Assistência Social nas comunidades” (Carlson e Goulart, 2012, p.106). Esta acolhida se dá por uma reciprocidade nas relações, com ênfase na horizontalidade e possibilidade de construção de projetos individuais ou coletivos. Forma-se o contraponto de relação que se diferencia das condições anteriores (e atuais) onde principiaram as relações desequilibradas de poder que deram origem a todos os tipos de discriminação e que desde já numa ambiência acolhedora e respeitosa iniciam a ser desconstruídas.

Retornam aqui: a implicação, o vínculo, a perspectiva. A aposta no presente e na relação. Certa “insubordinação da alma selvagem” se é que ainda temos algum resquício nos dará a medida aproximada entre cumprir com as normas, as diretrizes, as orientações, que são imprescindíveis, além de serem um acúmulo social e o desprendimento necessário do artista criador que se lança na construção de algo que não existe ainda e que é a transição para uma sociedade mais justa: acreditar, prescindindo da esperança, e sem esperar mais nada, nem um minuto sequer. A urgência por uma vida digna, ao final nos dará o melhor caminho...

Neste sentido, a apropriação por parte do trabalhador das diretrizes da política estatal e das normativas de sua categoria profissional torna-se fundamental para o bom desempenho de seu trabalho. Como poderá ele atuar na Assistência Social, trabalhar na garantia de direitos e proteção sem ter clareza das potencialidades e limites da sua atuação? Só que isto não se faz sozinho. É preciso assegurar a formação e a capacitação permanente dentro do processo democrático em todas as instâncias; e mesmo exigí-lo onde não se manifesta.

A importância dos Conselhos Profissionais na orientação, fiscalização, publicização das suas normativas é imprescindível para o fortalecimento do profissional e para a garantia de um serviço público de qualidade. Pois sabe-se que, por vezes, a urgência da hora, a precariedade das condições de trabalho, a sensibilização com os problemas compartilhados com os usuários, ou mesmo uma determinação da chefia imediata faz o trabalhador intervir ou executar atividades que não estão previstas nas suas competências. Isto somente afasta-o de desempenhar com legitimidade as suas funções e consequentemente o seu papel político de trabalhador social. Temos ainda um agravante: a prática ainda corrente de terceirizações, às quais não asseguram conquistas históricas de importantes direitos trabalhistas. Conclui-se, por ora, que para poder se misturar e criar formas variadas de intervenções que melhor atenda aos objetivos das políticas é preciso ter clareza das suas funções enquanto trabalhador, enquanto psicólogo e enquanto ser político.

Para o psicólogo com a ampliação da atuação da Psicologia na Assistência Social abriu-se um campo que é ao mesmo tempo um reconhecimento da categoria como uma importante parceira na execução de políticas que dão acesso a direitos básicos, à proteção no caso de direitos violados, e que têm muito a contribuir com sua atuação histórica na luta pelos direitos humanos e sociais de pessoas e grupos. Também oportuniza o desempenho profissional engajado politicamente com todas as prerrogativas norteadoras do fazer psi. Ao mesmo tempo em que é importante buscar as especificidades da sua atuação não é menos importante o movimento (que não é contrário, talvez paradoxal) de encontrar as fronteiras das outras profissões, “outrar-se”, da mesma forma como se busca as fronteiras intersetoriais: para que assim seja possível a efetivação integral das políticas públicas.

Uma importante diretriz norteia o psicólogo na sua atuação, onde estiver: o investimento na saúde dos sujeitos individuais ou coletivos e no efetivo acesso aos direitos para a concretização de uma vida com dignidade. A postura acolhedora para a construção do vínculo é o início de qualquer possibilidade. E se o vínculo está no início, as diferenças são as matérias primas destas relações.

Ingredientes de trabalho

Nos documentos orientadores da política da Assistência Social estão presentes como metodologia, entre outras, a realização de grupos com as famílias referenciadas ao CRAS e atendidas pelo PAIF⁸ constituindo este um importante instrumento de trabalho para reflexões/intervenções com a abordagem de temas relativos a discriminação étnica, racial, religiosa, sexual, de gênero, questões geracionais e outras para a efetivação do trabalho nos CRAS que podem gerar interferências afirmativas na micropolítica das relações estabelecidas entre as pessoas, suas famílias, os trabalhadores e a comunidade. Warren, conforme citado anteriormente, refere-se a um processo denominado “descolonização do pensamento” compreendendo que “na situação de um mundo pós-colonial uma política que transcenda os condicionamentos colonizados dos sujeitos subalternos deverá se erigir a um espectro mais amplo de injustiças...” (Warren, 2011, p.32). Estas questões podem ser situadas como a reprodução social de preconceitos originados na formação da sociedade brasileira e que ainda persistem e se manifestam no cotidiano. Este trabalho com os grupos é uma parte fundamental da metodologia de trabalho da proteção social básica e espaço potencial de investimento na problematização de conceitos e preconceitos que cristalizam relações, baseadas em identidades hegemônicas como por ex: ser homem, ser branco, ser adulto, etc., os quais condicionam os projetos de vida das pessoas, impedem singularidades e enfraquecem a potência dos coletivos.

Por fim é importante, na execução do Sistema Único da Assistência Social, atentar à previsão de estrutura e ver quais são as reais condições em que se encontram as unidades de trabalho em relação principalmente aos equipamentos, RH e gestão. Por ora, contamos em muito com recursos provenientes da formação técnica, da experiência, da convivência com os movimentos sociais, com a escuta qualificada, com os desdobramentos dos técnicos, muitos destes agentes públicos e outros terceirizados que vem de organizações sociais que por muito tempo cuidaram das populações desassistidas pelo estado e que vem compondo com resistência e coragem a complicada e implicada rede de trabalho.

Outro fator importante é que possamos nos pautar para a execução de nosso trabalho nas resoluções atualizadas relativas aos direitos humanos bem como às jurisprudências que acontecem de forma descentralizada, mas que precisamos estar atentos para inseri-las nas problematizações.

Em relação à composição das redes, enfatiza-se a importância da participação/atuação nos diversos fóruns, conselhos, reuniões, assembleias, seminários, conferências e espaços coletivos que possam produzir mudanças e assegurar movimentos democráticos. Lembremos novamente da relação com os grupos/pessoas da comunidade às quais não estão separadas dos objetivos de trabalho e que também estão previstas nas diretrizes da Assistência Social como protagonistas da construção do serviço.

⁸ PAIF: Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias.

O resultado de tantas misturas...

Estas são linhas gerais traçadas para pensarmos qual parte que nos cabe como trabalhadores inseridos nas comunidades, às quais, em alguns casos, são por demais semelhantes com o público apresentado no documentário de Muniz. Talvez o mais importante seja perceber a ênfase do autor e compreender o processo de autoria profissional como um processo artístico que inicia com a implicação de si no trabalho e que desemboca na vinculação, sem a qual nada começa, com os indivíduos e grupos.

Apesar das forças de constituição do pensamento tencionarem para que a compreensão da realidade se dê de forma onde a dicotomia prevaleça, a realidade é complexa e o paradoxal existe com força suficiente para nos forçar a vê-lo. Neste paradoxal temos presente, então, as leis, os direitos, as jurisprudências, as condicionalidades das políticas, as singularidades das resoluções que não passam pelo estado e a necessidade da insubordinação para que uma nova estética aconteça, pois seja ela da forma que for o belo será sempre insubordinado. Compreendemos as formas de expressões singulares como sendo também uma criação estética: novas formas de relações por vias da “descolonização do pensamento”. Estas (expressões) podem ser mais uma abertura para novas políticas, que partam das organizações das comunidades e que urgem reconhecimento, através de novas políticas de estado mais de acordo com a realidade. O mundo e a sociedade, os quais não são sinônimos, se confundem tanto, por vezes, que até esquecemos que o mundo é muito mais rápido e demoramos para ver aquilo que de certa maneira já está presente. Talvez a nossa arte seja: simplesmente ver. Ou mesmo viver e trabalhar na diferença para alcançar na convivência a igualdade de direitos. Bom apetite!!!

REFERÊNCIA

- Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- Cruz, Lilian; Guareschi, Neuza (orgs). *O psicólogo e as políticas públicas de assistência Social*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Kiarostami, Abbas. *Abbas Kiarostami*. Trad. Álvaro Machado São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- Pessoa, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2006
- Santos, Boaventura. *Para uma revolução democrática da justiça*. São Paulo: Cortez, 2011.
- Silva, T.; Hall, S.; Woodward, K. (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. *Orientações Técnicas sobre o PAIF, vol I e vol. IIz*. Brasília, 2012
- Todorov, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011.
- Warren, Ilse. *Movimentos Sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina*. Florianópolis: editora UFSC, 2011.
- Redes Emancipatórias: Nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos*. Curitiba: Appris, 2012.
- Filmografia: Muniz, Vick. *Lixo Extraordinário*. Fonte: http://lounge.obviousmag.org/animus_moven-di/2012/06/lixo-extraordinario.html Acesso em 11/11/2012